

29/12/2003

Advertência histórica

QUANDO O RAIO CORTA O HORIZONTE, JÁ NÃO HÁ AUTORIDADE NEM FORÇA QUE O CONTENHA. O FENÔMENO DAS MULTIDÕES É COMO FORÇA DA NATUREZA: SURPREENDE E NÃO OBEDECE A FREIOS

Os recentes fatos ocorridos na Argentina constituem lição para todos os povos, sobretudo para os que não têm instituições políticas estáveis. Da insegurança das medidas iniciais adotadas pelo ministro Cavallo, à alteração delas, ao enfraquecimento da autoridade do presidente De la Rúa e à sua renúncia, tudo indicava o desmoronamento do governo. As manifestações populares cresciam dia a dia até que se tornaram desobediência civil com o desrespeito às limitações decorrentes do estado de sítio. Apesar do regime de exceção, a multidão permaneceu nas ruas pela madrugada e em gestos de violência.

Confirmou-se ali a sábia ponderação de Rui Barbosa: o povo só não consegue o que não quer. Efetivamente, gerado o descontentamento, a resistência coletiva, em crescendo irrefreável, foi demonstrando a insatisfação geral. A ineficácia das providências econômicas e financeiras foi ampliando a rebeldia. A incapacidade das forças políticas de coordenar soluções aceitáveis refletiu para a coletividade inteira que o clima era de caos. Se a nação afundava, sem que se abrisse clareira, o povo decidiu, ocupando praças e ruas, exigir a mudança, que se consumou.

Sem dúvida, as transformações desta hora são de transição. Não se sabe o que ocorrerá proximoamente, com a eleição convocada. Segundo a imprensa noticiou, a repulsa popular não era apenas ao governo vacilante, mas a todas as lideranças políticas e às instituições vigentes. A desconfiança atingia todo o sistema estabelecido, visto que a crise se agravava há longo tempo. A comunidade, em regra, tolera por longo período os reveses econômicos. Teme o pior. Mas, quando o sofrimento se desdobra indicando riscos sem limites, a capacidade de esperar se converte na energia do protesto viril. E nada é mais imprevisível do que as vagas populares dirigidas por seus próprios ímpetos. São como as águas desapoderadas: não temem barreiras.

Ora, se no caso argentino há particularidades consideráveis, a começar pela índole da gente, o fenômeno, contudo, pode reproduzir-se na generalidade dos povos. As dificuldades e as desigualdades estão atingindo todas as coletividades e suas classes não privilegiadas. As crises vão assumindo proporções assustadoras. A sociedade plural é impulsionada por meios de comunicação cada vez mais influentes e rápidos, fazendo com que as notícias sejam quase contemporâneas do nascimento dos fatos. Assim já se verifica, talvez, nas maioria dos países. Crescentemente incontrolada a informação, os governos devem estar sempre habilitados a explicações e ações eficazes para dominar as situações delicadas, que nem sempre dão aviso prévio. Chegam, por vezes, de repente, como as tempestades.

Nos países, como o Brasil, de grande extensão territorial, de intensa diversidade regional, especialmente do ponto de vista econômico e cultural, as explosões sociais são ainda mais perigosas. Não se sabe de imediato qual a dimensão delas, nem o seu sentido real. Enquanto se examinam causas e o alcance dos movimentos, o fogo lava, incontido. A decepção experimentada pelo menino que, montado num cavalo de pau, esperou o presente que Papai Noel não lhe trouxe, como salienta agora o jornal *A Tarde*, de Salvador, transmuta-se em ódio em milhares de pessoas que não têm o pão de cada dia. Esse quadro social desenvolve-se sem que os governos sintam, comumente, sua gravidade e sua extensão. Quando o raio corta o horizonte, já não há autoridade, nem força, que o contenha. O fenômeno das multidões é como força da natureza: surpreende e não obedece a freios.

Pouco importa a segurança organizada de cada povo. Não há segurança contra a surpresa. Demonstra-o a estúpida agressão aos Estados Unidos, em 11 de setembro último. Menos garantia haverá diante do deslocamento de massas humanas em contraste com o poder considerado injusto. Até porque, em muitos desses casos, como na Tchecoslováquia, instrumentos de segurança aderem aos grupos de reivindicação. Ou como entre nós, em 1930. A esperança dominante é que não ocorram tais arremessos, prevalecendo as soluções institucionais. Mas a esperança cede ao desespero em instantes inesperados. A sublevação argentina aconselha reflexão, salvo aos que exageram a crença no poder.

♦

♦

♦

♦

♦ JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE BRÁSILIA E DA UNIVERSIDADE DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPIS



Fclap